



## A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DOS POVOS INDÍGENAS XOKÓ EM CONTEXTO URBANO EM TEMPOS DE CRISE

**Liliane da Silva Santos**

Curso de Bacharelado em Direito pela Faculdade Pio Décimo

E-mail: [lilianesilvalss@hotmail.com](mailto:lilianesilvalss@hotmail.com)

Orientador: Diogo Francisco Cruz Monteiro

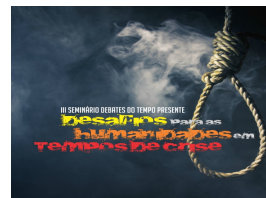
Mestre em Antropologia pela UFS

**Departamento do Curso de Direito da Faculdade Pio Décimo**  
ST 6 - Cultura, Movimentos e Representações em Tempos de Crise

Durante os séculos XVIII e XIX havia uma noção de identidade como plenamente unificada, completa, imutável e permanente. No entanto, no final do século XX ocorreu uma transformação estrutural e institucional nas sociedades modernas, alcançando a identidade que passou a ser entendida como plural, diversa, provisória e variável. No mundo pós-moderno com a criação de novas identidades, a produção de novos sujeitos é formada pelo sentimento de pertencimento a uma cultura nacional, que sofre grandes influências do fenômeno da globalização.

Perante o exposto, no Brasil durante o século XIX a identidade era determinada pelo determinismo biológico, o que ocasionou ao longo do século a negação da identidade dos povos indígenas, pois eram vistos como “aculturados” (DANTAS; DALLARI, 1980). Com o avanço das teorias identitárias e da diversidade cultural a concepção de identidade foi modificada e com isso vieram os novos desafios. De um lado a construção da identidade dos povos indígenas em contextos urbanos, do outro as influências dos não indígenas sobre a identidade indígena a partir do processo de globalização.

De acordo com Lourenção, Silva e Guirau (2013), o Brasil é um país marcado pela ocupação de povos indígenas, eles são sujeitos históricos e protagonistas de seu passado e presente. Esses povos indígenas, que antes viviam em suas terras tradicionais, hoje compõem em suas realidades o espaço urbano. De acordo com Andrade, Bellinger



e Penteadó (2013) o Brasil no ano de 2010 apontou um crescimento da população indígena no território nacional tanto na zona urbana, quanto no rural.

Diante disso pretendemos compreender como ocorre a construção da identidade indígena Xokó a partir da análise dos principais processos identitários, da influência da diversidade cultural e do fenômeno da globalização. Além disso, buscamos analisar o que os índios que vivem no contexto urbano pensam sobre as influências da globalização em relação à identidade indígena. Para isso, realizamos uma revisão bibliográfica e uma pesquisa de campo nos Municípios de Aracaju e Nossa Senhora do Socorro, em Sergipe, no ano de 2018, onde entrevistamos três índios Xokó. Dos três indígenas entrevistados, um deles estava como Cacique durante o processo de retomada das terras durante o ano de 1980, os outros dois também participaram ativamente no decurso desse processo.

### **Principais Concepções de Identidade**

Durante o século XVIII a identidade estava fundamentada numa concepção do indivíduo unificado, imóvel, centrado e possuía razão, ou seja, um centro interior. De acordo com Hall (2001, p. 11) “o sujeito nascia e com ele se desenvolvia, ainda que permanecendo essencialmente o mesmo – contínuo ou ‘idêntico’ a ele – ao longo da existência do indivíduo.”

Já a noção do sujeito a partir da visão sociológica tinha como objetivo refletir a complexidade do mundo exterior ou cultural e o núcleo interior do sujeito. Conforme Hall (2001) a partir dessa complexidade surgiu a concepção interativa da identidade, pois era formada entre a interação do “eu” e o mundo cultural. O sujeito era visto como possuidor de um núcleo de dois mundos: o “interior”, aquele referente ao “real” e o exterior, aquele referente ao mundo cultural.

No entanto, o sujeito que tinha a identidade centrada, unificada, estável e imóvel está sendo fragmentado, ou seja, formado por múltiplas e flexíveis identidades. Como consequência dessa crise de identidades, surge o sujeito pós-moderno, em que a identidade não é fixa, centrada ou essencial. Ainda em conformidade com Hall (2001, p. 13) “a identidade torna-se uma ‘celebração móvel’”. Ela não é definida biologicamente,



mas historicamente, pois o sujeito pode assumir diversas formas de identidades em diferentes momentos. Com semelhante pensamento, Mendes (2002) diz que as estruturas e as origens das identidades são os contatos, acidentes, o conflito, o indivíduo não forma a sua identidade a partir da simples reprodução da socialização, mas da fricção entre pessoas e ambientes.

Como as identidades modernas estão sendo fragmentadas, principalmente a partir da modernidade tardia, não aconteceu somente a desagregação como também a descentralização do sujeito. Segundo Hall (2001) tem cinco teorias que explica o descentramento. A descentração referente ao pensamento marxista em que há uma essência universal de homem e que essa essência é atribuída a cada indivíduo; a descentração do inconsciente, a partir de Freud, em que as identidades são formadas com base em processos psíquicos e simbólicos. A identidade não é formada naturalmente, mas a partir da interação com o outro, também não é formada de modo inato, ela existe na consciência a partir do nascimento do indivíduo.

O descentramento também está relacionado à língua, ela é um sistema social, além disso, existe antes do sujeito. Os significados das palavras são dinâmicos, mudam de acordo com a região e objetos; outro descentramento ocorre com o poder disciplinar, preocupado com a regulação da vigilância e sobre o indivíduo e o corpo; por último, o impacto do feminismo, com a reivindicação de diversas identidades, o movimento feminista constituiu o nascimento da política de identidades, em que cada movimento teria a sua identidade.

Contudo, segundo Mendes (2002) há a necessidade de destacar um sentimento individual de permanência identitária, processo este que é ativo a partir das narrativas do discurso. Esse processo do “real” e “imaginário” é simultâneo à construção da autoprodução identitária, é uma tentativa de fixação da identidade. As identidades estão baseadas em significados que decorrem do sentimento de pertencimento a determinadas categorias e aspectos culturais.

As sociedades modernas são caracterizadas pelas constantes mudanças, ou seja, são deslocadas, não tem um núcleo ou uma única lei de desenvolvimento, principalmente a partir do fenômeno da globalização, marcado por processos de



mudanças em escala global. Com isso, a globalização gera uma integração global, aumentando os fluxos e ligações entre as nações, de acordo com Hall (2001) isso poderá gerar três consequências sobre as identidades culturais: a desintegração das identidades nacionais; o reforço da identidade nacional e local como forma de resistência ao processo de globalização e o declínio das identidades nacionais, sendo substituídas por identidades híbridas.

### **Identidade e Diversidade Cultural dos Povos Indígenas**

A identidade pessoal e do grupo é de natureza diversa e múltipla. De acordo com Baniwa (2005) é possível perdê-la, reconstruí-la e reinventá-la a partir dos conflitos com outras identidades. As identidades indígenas no Brasil foram construídas ao longo de quinhentos anos, ou seja, é resultante de fricções e imposições dos colonizadores. A partir de lutas protagonizadas pelos povos indígenas, houve o reconhecimento constitucional de alguns direitos. Em conformidade com o autor citado, as expressões culturais, o desenvolvimento de conteúdos e manifestações artísticas são meios de enriquecimento das identidades através dos símbolos e da memória coletiva.

No período dos anos 70 ocorreu no Brasil um fenômeno conhecido como “etnogênese” ou “reterritorialização”. Nesse processo, os povos indígenas que, por diversos motivos perderam os direitos sobre as suas terras e foram forçados a esconder e negar sua identidade como forma de sobrevivência passaram a recriar e reinventar a sua identidade. De acordo com Baniwa (2006) atualmente os indígenas tem orgulho de ser nativo e de pertencer a um povo originário. Esse sentimento provocou a etnogênese, principalmente na região Nordeste. Conforme Mota (2016) nesse movimento foi incluído como reivindicação o direito à terra, diversidade e a retomada da cultura indígena.

A diversidade cultural dos povos indígenas deve ser pensada levando em consideração alguns direitos já reconhecidos, dentre eles: o reconhecimento do direito à diferença, estabelecido no artigo 231 da Constituição Federal de 1998 (CF/88); formas próprias de organização social, costumes, línguas, tradições e crenças; o direito originário sobre as terras; direito coletivo, a capacidade civil e autodeclaração.



O instituto da autodeclaração foi adotado pela Constituição Federal e pelas convenções internacionais para assegurar, justamente, que a adoção desses padrões classificatórios não fossem levados adiante e que o se autodeclarar indígena fosse regido na perspectiva de autonomia desses povos (LOURENÇÃO; SILVA; GUIRAU, 2013).

De acordo com Baniwa (2006) não há como separar diversidade cultural do direito à terra, porque é em decorrência do direito à terra que é possível promover a diversidade cultural de forma efetiva. Para ele, sem território real ou simbólico a diversidade não permaneceria, mesmo observando a identidade numa visão mutável, no caso dos povos indígenas, a ausência de um espaço, entendido como espaço físico ou espiritual ocasionaria a decadência ou uma violenta mudança cultural.

Nessa perspectiva, a diversidade cultural aparece inclusa no jogo democrático, ou seja, os particularismos culturais se desenvolvem a partir da democracia. De acordo com Rouanet (2005, p. 109) “sem o estado democrático de direito não há como se falar em diversidade cultural.” No entanto, para haver o convívio harmônico mínimo da diversidade e pluralidade cultural, é importante normas e princípios em comum, isto é, no estado democrático não há diversidade cultural absoluta e em casos de conflitos, os princípios universais deverão prevalecer sobre os particulares.

Apesar dos conflitos normativos, com a CF/88 e os Tratados Internacionais ocorreu o rompimento formal com a política assimilacionista, dando lugar ao direito à diferença. Além disso, são utilizados como instrumentos importantes na luta dos povos indígenas por reconhecimento e efetividade dos seus direitos no âmbito nacional e internacional. Conforme Baniwa (2005), esses instrumentos muitas vezes são utilizados como forma de proteção dos povos indígenas contra a violação dos direitos e conflitos que acontecem no dia- a dia.

### **Índios Xokó em contexto urbano: um número crescente em Aracaju e Nossa Senhora do Socorro**

O Brasil é um país de milenar ocupação de povos indígenas, sujeitos históricos e protagonistas do seu passado e presente. Esses povos indígenas, que viviam em suas terras tradicionais, hoje integram em suas realidades o espaço urbano (LOURENÇÃO;



SILVA; GUIRAU, 2013). De acordo com Andrade, Bellinger e Penteado (2013, p. 09), “o Censo de 2010 apontou que a população indígena no território nacional soma 896,9 mil pessoas, sendo que 36,2% residem na área urbana e 63,8% na rural”.

Diante da realidade dos índios em contexto urbano, realizamos uma pesquisa de campo nos Municípios de Aracaju e Nossa Senhora do Socorro com o objetivo de analisar o que os índios Xokó em contexto urbano pensam sobre as influências da globalização em relação à sua identidade.

A população indígena nos Municípios Sergipanos de Aracaju e Nossa Senhora do Socorro estão em constante aumento. De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) 2010 a população indígena em contexto urbano do Município de Aracaju apontou em 2.175 pessoas e em Nossa Senhora do Socorro de 727.

A urbanização dos povos indígenas no Brasil é resultado de dois processos: o crescimento das cidades, que alcançam as terras indígenas e podem englobá-las na área urbana; e a ida dos índios para as cidades em busca de melhores condições de vida, educação e saúde.

O reconhecimento dos povos indígenas que vivem em contexto urbano é um terreno obscuro. O discurso que se coloca ao falar desses povos sofre com paradigmas pertencentes à outra época da política indigenista, marcados pelos estereótipos, a busca pela “autenticidade” e de padrões a serem preenchidos para legitimar a autodeclaração (LOURENÇÃO; SILVA; GUIRAU, 2013). Quanto aos índios Xokó em contexto urbano, é possível verificar a presença não somente dos estereótipos, como também da negação da identidade indígena pelos não indígenas. Assim diz o índio Xokó A (2018):

Quando cheguei, que vim morar aqui... diziam que aqui é capital e lá é um mato, o que é lá é lá, o que é aqui, é aqui! Aqui é diferente, não tem nada a ver não. Você não vai ser um José da vida lá dentro do mato, tem que ser o José da cidade. Você vive aqui e quer comer o que?

Ainda em conformidade com o índio Xokó A (2018):



Alguns dizem, ah você um preto, não sei o que, você é negro! Para você ver, vocês falaram duas palavras que não tem a ver com o que eu sou. E afinal de contas, você é o que? Eu sou índio. Índio preto do cabelo ruim? Não posso fazer nada, sou registrado assim. Se eu sou registrado, eu sou. Aqui preto, branco, amarelo, eu sou índio da mesma forma que os outros do cabelo liso e bom. Sou índio e pronto, acabou.

Quando o índio não tem a predominância dos traços “originários” que é esperado pelo não-indígena, que espera o índio com cabelo liso, pele acobreada e caçador, sofre preconceito. De acordo com Viveiros de Castro (2006) o índio não é um modo de aparecer, nesse sentido estereotipificante, mas sim uma questão de estado de espírito.

Na mesma perspectiva de estereótipos, quando o índio Xokó se autodeclara há duas possibilidades: na primeira ele discriminado pelo não-indígena pelos lugares que frequenta, na segunda ele sofre preconceito, como assegura o índio Xokó B (2018):

Inclusive o que mais me chateou e magoou não foi a maneira como se dirigiu a mim dizendo que eu não era índio. Era dizer que índio é vagabundo, índio é safado, falta de respeito. No campo de futebol, no trabalho, nas noites de Aracaju que eu frequentei muito, eu gostava muito de ir para uma seresta e quando eu me identificava: o que é que um índio está fazendo essa hora aqui? Você não é índio, índio não curte isso.

Continua o índio Xokó B (2018):

Como não houve essa preocupação, a ideia de muitos é que Sergipe não tem índio, o Brasil não tem índio, tem alguns perdidos na Amazônia, para eles índio hoje é aquele que não domina o português, andam nus na sua tribo e que não tem nenhum contato com o homem branco. Então esses são os verdadeiros índios pra essa pequena minoria da vossa sociedade.

De acordo com Mota (2016) a imagem do “índio autêntico” difundida pelos não-indígenas, aproxima-se muito da visão do “bom selvagem” preconizada por Rousseau. Nesse processo de inclusão prevalece no imaginário, principalmente dos não-indígenas



a visão do índio como protetor do meio ambiente, isolado, sábio e poderoso. E como consequência dessa visão, não aceita a presença dos indígenas em outros espaços, a não ser naquele determinado pelo seu imaginário.

Como formas de reações às influências da globalização sobre a identidade indígena, Hall (2001) identifica três consequências, dentre elas o reforço da identidade local como forma de resistência à globalização. Nesse sentido analisaremos como os índios Xokó em contexto urbano reagem ao preconceito, negação da sua identidade e a discriminação. Conforme o índio A (2018):

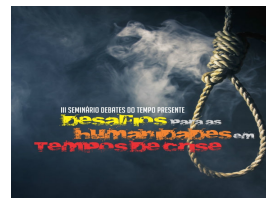
Quando eu falo tem até aqueles que brincam comigo, outros dizem umas “doidices”, né? Eu também levo na brincadeira e não levo o caso a sério. Reagi sério uma vez, que eu parti para a porrada mesmo. Ele disse: é o que, rapaz? Você é lá filho de índio, você é filho de... e disse o nome brabo lá com minha mãe. Ai eu disse: o que tenho na mão é isso aqui, parti com uma faca para cima do cara, na época eu trabalhava no Bompreço em 1989, ai os outros me seguraram, dizendo: rapaz deixe para lá, você é doido? Você quer perder a sua liberdade por causa de um miserável desse? Os outros chamaram a atenção dele, dizendo: ele não é obrigado a ser como nós somos, nem sermos como ele. Respeita ele e ele respeitará nós.

O índio Xokó B (2018) também reagiu aos preconceitos sofridos, diz:

Apenas aproveitando a oportunidade de alguns segmentos da sociedade nos deu, eu tentei demonstrar para eles quem sou. Participando de eventos, de palestras na Universidade, escolas da rede Estadual, Municipal, particular. Então foi dessa forma que eu fui penetrando dentro dessa sociedade, mostrando para ele quem é Xokó.

Os modos de reação pelos índios Xokó são diversos, ambos reforçam a sua identidade nos mais diversos contextos apresentados, desde o que sofre discriminação e preconceito pelo simples fato de se autodeclarar, ao índio Xokó que frequenta determinados lugares, como serestas, festas à noite. De acordo com os depoimentos coletados, há uma imposição do não-indígena e da globalização na identidade dos índios Xokó. O não-indígena impõe condutas aos indígenas, quanto ao fenômeno da





globalização em suas diversas formas (como a tentativa de homogeneização) a partir de um idioma em comum, uma cultura que prevalece sobre a outra, o índio Xokó tenta resistir e fazer com que a diversidade cultural predomine, que a sua cultura seja respeitada.

### **Considerações Finais**

A concepção sobre a identidade ao longo dos séculos foi sendo modificada, de uma visão móvel, centrada, passou a ser entendida como interativa, levando em consideração o “eu” e o “mundo cultural”, até chegar ao entendimento de que ela é móvel e fluída.

Nesse amplo debate, discute-se a identidade dos povos indígenas em contexto urbano em tempos de crise, principalmente causada pelo fenômeno da globalização sobre a identidade indígena. Nesse sentido, buscamos analisar o que os índios que vivem em contexto urbano pensam sobre as influências da globalização em relação a sua identidade. Além de compreender como ocorre a construção da identidade indígena a partir da análise dos principais processos identitários, da influência da diversidade cultural e do fenômeno da globalização.

No tocante as influências sofridas pelos índios Xokó quanto à globalização, o índio precisa fazer uma escolha quando passa a viver na cidade, se ele será o índio “autêntico” esperado pelo não-indígena, aquele que vive no mato, que vive da caça e pesca ou precisará se afastar dos seus costumes para se adaptar aos não-indígenas, ou seja, existe uma imposição do não-indígena que não respeita a diversidade cultural.

Diante desse processo de influências tanto da globalização e dos não-indígenas, a diversidade cultural surge como um direito a ser respeitado. No entanto, dentro desse processo de influências, os povos indígenas reagem cada um de sua forma. Alguns índios Xokó reagem a partir da conscientização em espaços públicos e privados, em escolas e eventos, contando a sua história e reforçando ser índio Xokó, outros reforçam aproveitando as discussões e a negação da sua identidade para contar a história do seu povo e mostrar documentos comprovando sua identidade indígena.



Como formas de reação às influências da globalização, foi possível perceber por parte dos índios Xokó o fortalecimento, o reforço da identidade indígena, da sua diversidade cultural, o orgulho de ser índio e pertencer a um povo que sabe viver em meio às diversidades.

### Referências

ANDRADE, Lúcia M.M de; BELLINGER, Carolina K.; PENTEADO, Ótávio Camargo. Índios na Cidade e Políticas Públicas. In: **A Cidade como Local de Afirmação dos Direitos Indígenas**. 1.ed. São Paulo: Comissão Pró-Índio SP, 2013. p. 7- 83.

BANIWA, Gersem Luciano. Proteção e Fomento da Diversidade Cultural e os Debates Internacionais. In: LOPES, Antônio Herculano; CALABRE, Lia (Org.). **Diversidade Cultural Brasileira**. Rio de Janeiro: Edições Casa de Rui Barbosa, 2005. p. 179-202.

BANIWA, Gersem Luciano. **O índio Brasileiro**: o que você precisa sobre os povos indígenas no Brasil de hoje. Brasília: Ministério da Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade; LACED/ Museu Nacional, 2006.

BRASIL. IBGE. **Censo Demográfico**, 2010. Disponível em <https://indigenas.ibge.gov.br/mapas-indigenas-2>. Acesso em: 10 abr. 2018

DANTAS, Beatriz Góis; DALLARI, Dalmo de Abreu. **Terra dos Índios Xocó**. São Paulo: Comissão Pró-Índio, 1980.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**; Tradução: Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 6. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

LOURENÇÃO, Andrezza Mieke Richter; SILVA, Carolina Rocha; GUIRAU, Kárine Michelle. A São Paulo dos Indígenas. In: **A Cidade como Local de Afirmação dos Direitos Indígenas**. 1.ed. São Paulo: Comissão Pró-Índio SP, 2013. p. 85- 110.

MENDES, José Manuel Oliveira. O desafio das identidades. In: SANTOS, Boaventura de Sousa (Org.). **A Globalização e as Ciências Sociais**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2002. Cap 13, p. 503-540.

MOTA, Clarice Novaes da. Ser Indígena no Brasil Contemporâneo: Novos Rumos Para um Velho Dilema. In: MONTEIRO, Diogo Francisco Cruz; RODRIGUES, Kleber Santos (Org.). **Temas de História e Cultura Indígena em Sergipe**. Aracaju: Infographics Gráfica & Editora, 2016. Parte I, p. 17-26.



ROUANET, Sérgio Paulo. Universalismo Concreto e Diversidade Cultural. In: LOPES, Antônio Herculano; CALABRE, Lia (Org.). **Diversidade Cultural Brasileira**. Rio de Janeiro: Edições Casa de Rui Barbosa, 2005. p. 99-112.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. **No Brasil, todo mundo é índio, exceto quem não é**, 2006. Disponível em: <[https://pib.socioambiental.org/files/file/PIB\\_institucional/No\\_Brasil\\_todo\\_mundo\\_%C3%A9\\_%C3%ADndio.pdf](https://pib.socioambiental.org/files/file/PIB_institucional/No_Brasil_todo_mundo_%C3%A9_%C3%ADndio.pdf)>. Acesso em: 15 nov. 2016.